



JESUS NA MANJEDOURA. Após chegarmos à gruta, entrou a diletta Mãe com José, e eu fiz com que entendessem que me colocassem na manjedoura, onde estive deitado por tanto tempo. Deitou-me lá a querida Mãe, sentindo grande pena, tanto por ter de deixar-me, como pela compaixão por causa daquele padecimento meu. Não obstante obedeceu, pronta a fazer a vontade divina. E depois de ter-me colocado ali, prostrou-se, unida a José, e adorou-me. Veneraram em seguida o próprio lugar onde nasci, beijando o pavimento que foi o primeiro a receber-me, quando recém-nascido. Oferecia, no entretanto, ao Pai o meu sofrimento e os atos de adoração e de homenagem de minha Mãe e de José. Pedia ao Pai se dignasse dar alguma consolação a ambos. O Pai o fez, elevando em êxtase sublime a querida Mãe, no qual Lhe exprimia sua vontade sobre o que devia fazer em relação a minha pessoa. Estava ela com fisionomia tão amável que enchia de felicidade a alma de José, o qual a contemplava com atenção e devoção, e com isto se liquefazia de alegria a sua alma e fruía das delícias do Paraíso. Ambos ficaram muito consolados. Voltando do êxtase, minha cara Mãe começou a cantar cânticos de louvor e de agradecimento ao Pai; por isto continuava a se regozijar a alma do afortunado José. Eu agradecia ao Pai a graça concedida à querida Mãe e a seu esposo, e ofertava-lhe os cânticos dela, para que Lhe fossem mais gratos. E pedia que os recebesse em suplência pelas almas ingratas que, depois de terem recebido as graças divinas e as consolações celestes, não se recordam de agradecer ao Pai tão grande favor, mas vivem esquecidas, como se fosse obrigação de meu Pai comunicar-lhes tais graças, enquanto Ele tudo faz unicamente por bondade, sem que a criatura possa chegar a ter tanto mérito, sendo por si mesma indigníssima de qualquer dom e consolação celeste. As minhas ofertas agradavam ao Pai e Ele ficava satisfeito por tudo.

JESUS FALA À MÃE. Terminados os louvores, a querida Mãe disse a José que se tomasse algum alimento e se repousasse por causa do cansaço; foi José à procura de alguns víveres. Ficou a querida Mãe em minha companhia, e olhava-me com muita compaixão, vendo-me em tanto sofrimento, em leito tão duro e transido de frio. Não ousava tomar-me nos braços para aquecer-me, mas eu, querendo satisfazer a seu desejo, falei-lhe com voz sensível e disse-lhe: "*Segurai, querida Mãe, o vosso caro Filho, fruto de vossas puríssimas entranhas*". Ao proferir estas palavras, minha Mãe experimentava gáudio inefável. "*E aquecei, com o fogo do divino amor que arde em vosso peito, aquele que tanto ama a vossa alma!*" Tomou-me a querida Mãe, estreitou-me com grande amor, e aqueceu-me, porque na verdade seu seio era um fogo ardente de amor divino, alastrando-se com grande violência até no exterior a chama que Lhe ardia no peito. Estando no colo de minha Mãe, oferecia ao Pai aquele alívio de fato muito grande, e rogava-lhe se dignasse dar consolo, refrigério e alívio a todas as almas que sofrem por meu amor, na realização da divina vontade; e onde faltasse o socorro humano, ali acorresse Ele com o divino, e se dignasse inflamar com seu amor o peito daqueles que, por seu amor, dão algum refrigério ao próximo, a fim de que o fizessem com toda a caridade que convém e só por seu amor. Isto agradou muito ao Pai e Ele prometeu atender-me as preces. Mas bem poucos são, caríssima esposa, os que se exercitam em tal ministério e por isso, poucos são os que se inflamam no amor a Deus.